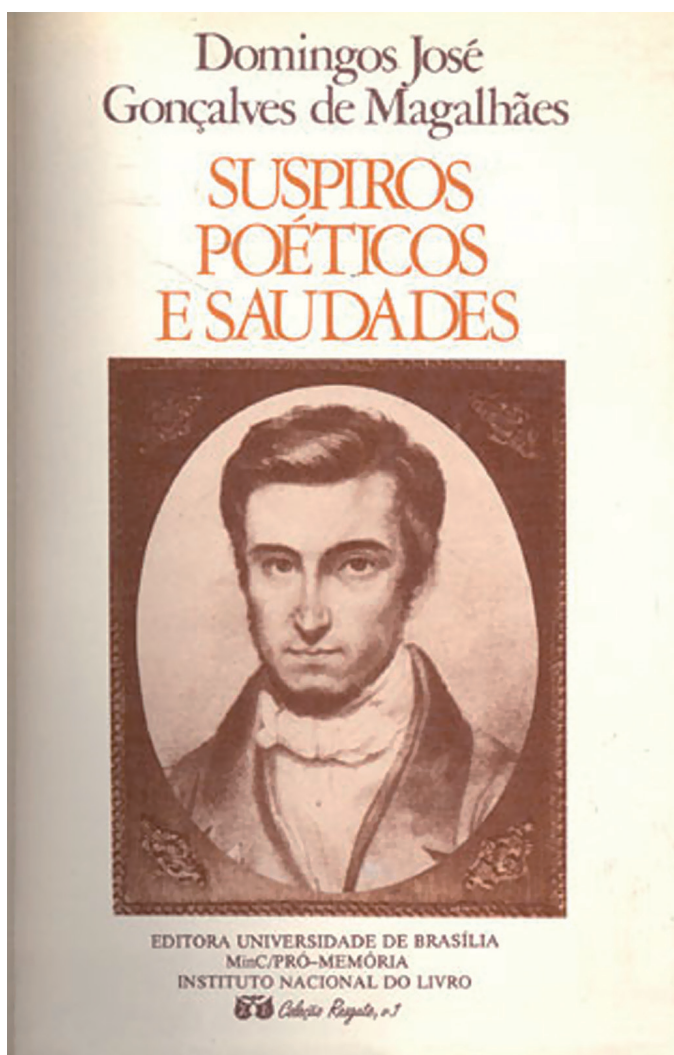


*O período regencial e o clima histórico melancólico:  
pessimismo e esperança na poesia de  
Gonçalves de Magalhães*



Capa do livro *Suspiros poéticos e saudades*.

*Marcelo de Mello Rangel*

Doutor em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop). mmellorangel@yahoo.com.br

\* Agradeço a Valdei Lopes de Araujo e a Alexandre de Sá Avelar pela amizade e diálogo. Sou grato, também, a Thamara de Oliveira Rodrigues, pelo diálogo e leitura crítica.

<sup>1</sup> Segundo Reinhart Koselleck, o “tempo histórico” é determinado pela relação entre os homens em geral e um conjunto de ideias, práticas e instituições, e isto a partir de um sentido preponderante e organizador. De modo que a sua crise dá-se no momento em que esse sentido fundamental perde o seu valor de verdade, ou seja, sua imediatidade, ou ainda, vigência indiscutível. Assim, o historiador alemão explica o acontecimento da modernidade como sendo um tempo histórico que veio a se constituir a partir da perda do valor de verdade do sentido Deus e, também, em razão da evidência da “consciência histórica”, ou seja, da compreensão de que o tempo é, necessariamente, um agente autônomo e imediato de transformações, o que provoca o que Koselleck chama de alargamento do “horizonte de expectativa”. Hans Ulrich Gumbrecht denominou esta experiência temporal própria à modernidade de “cronótopo historicista”. Ver GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Modernização dos sentidos*. São Paulo: Editora 34, 1998, esp. introdução. Essa experiência específica do tempo, a da “aceleração”, ganha contornos ainda mais radicais numa parte da modernidade que Koselleck chama de *Sattelzeit*, âmbito no qual o passado (o “espaço de experiência”) torna-se frágil em seu poder de orientação, de determinação e de antecipação em relação ao futuro (o “horizonte de expectativa”). Se, nos primeiros séculos da modernidade, as conjunturas inéditas que iam se constituindo perduravam o tempo necessário à realização de “prognósticos”, ou ainda, à investigação do passado a partir do presente capaz, por sua vez, de evidenciar sentidos fundamentais que ainda vigeriam e que, provavelmente, resistiriam a toda e qualquer transformações, a partir de 1750, no *Sattelzeit*, o presente não duraria mais o tempo suficiente à sua tematização e compreensão a partir da investigação detalhada e cuidadosa do passado (“prog-

## O período regencial e o clima histórico melancólico: pessimismo e esperança na poesia de Gonçalves de Magalhães\*

The regency era in Brazil and the melancholic historical atmosphere: pessimism and hope in Gonçalves de Magalhães’ poetry

*Marcelo de Mello Rangel*

### RESUMO

Analisamos o livro de poesias de Gonçalves de Magalhães, *Suspiros poéticos e saudades*, publicado em Paris em 1836. Nosso argumento fundamental é o de que Magalhães evidenciou e intensificou o “clima histórico” caracterizado pela melancolia próprio à modernidade e ao *Sattelzeit* e, em nosso caso, ao período regencial (1831-1840). Enfim, veremos que Magalhães e os primeiros românticos em geral experimentaram a modernidade e sua aceleração radical, intensificando o seu “clima histórico” específico, o da melancolia, determinado (a) pelo que podemos chamar de oscilação sentimental entre certo otimismo e esperança, por um lado, e pessimismo e desesperança, por outro, e (b) pela insistência em projetos positivos, mesmo que estes nascessem, por sua vez, de uma profunda desconfiança no que tange à sua consecução.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gonçalves de Magalhães; romantismo; clima histórico.

### ABSTRACT

We look at Gonçalves de Magalhães’ poetry book *Suspiros poéticos e saudades* (Poetic sighs and longing), published in Paris in 1836. Our basic argument is that Magalhães highlighted and enhanced the “historical atmosphere” characterized by melancholy that befits modernity and the *Sattelzeit*, and, in our case, the Brazilian regency era (1831-1840). We will see that Magalhães and the first romantics generally experienced modernity and its radical acceleration, thus intensifying its specific “historical atmosphere”, one of melancholy, determined by (a) what we can call a mood swing between a certain optimism and hope, on the one hand, and pessimism and despair, on the other hand, and (b) insistence on positive projects, even though these stem from a deep mistrust towards its execution.

**KEYWORDS:** Gonçalves de Magalhães; romanticism; Stimmung.



O argumento que organiza este artigo é o de que Gonçalves de Magalhães possuía uma compreensão de fundo acerca do que seria a existência humana, a saber: uma tarefa árdua, a qual produziria sentidos sempre precários e na qual os homens estariam incessantemente expostos a circunstâncias inéditas e imprevisíveis. Nossa hipótese é que essa compreensão ontológica é adequada a uma “experiência do tempo” específica – a da “aceleração do tempo” na “modernidade” –, experiência radicalizada no *Sattelzeit*, o qual é, por sua vez, um momento próprio ao tempo histórico moderno, que se estenderia, em linhas gerais, de 1750 a 1850.<sup>1</sup> Compreendemos então que (a) no interior de um “tempo histórico” marcado pela experiência da aceleração – a modernidade e o seu *Sattelzeit* – os homens são

provocados a perceber e a refletir sobre o tempo a partir da compreensão de que ele é um agente autônomo e imediato de transformações.<sup>2</sup> E, como desdobramento dessa necessidade, evidencia-se uma compreensão ontológica específica, a de que a existência humana é devenida, ou seja, que ela se transforma incessantemente. E mais: (b) no interior de um “tempo histórico” marcado pela aceleração, no qual vigora a compreensão (e/ou impressão) de que a existência humana é determinada pela devenida, torna-se adequada a percepção antropológica de que o sofrimento é próprio aos homens em geral. E, por fim, (c) dá-se, assim, a conformação de um “clima histórico” melancólico.<sup>3</sup>

Gonçalves de Magalhães e os primeiros românticos em geral, homens como Torres Homem e Araújo Porto-alegre, os três redatores da *Revista Niterói*, repercutiram e intensificaram os sentimentos próprios ao “clima histórico” fundamental ao *Sattelzeit* – ou ainda, a oscilação entre otimismo e esperança, por um lado, e, mais propriamente, o pessimismo e a desesperança, por outro. Isto porque experimentavam um tempo histórico acelerado, no qual os homens não encontravam, ao menos imediatamente, sentido algum que pudesse subsumir e reorganizar os acontecimentos inéditos que iam irrompendo ininterruptamente entre os séculos XVIII e XIX, sentido(s) que servisse(m) à delimitação do futuro (do “horizonte de expectativa”), nas palavras de Koselleck, ou, se preferirmos, à organização estável do mundo, uma vez que o sentido Deus perdera, na modernidade, o seu valor de verdade, a sua força imediata de organização e de orientação.<sup>4</sup> Nesse tempo histórico acelerado – provocado decisivamente pela Revolução Francesa, e que repercutia no Império do Brasil provocando e sendo intensificado pelas rebeliões regenciais – Gonçalves de Magalhães (e seus companheiros do primeiro romantismo) se dedicava a uma espécie de reforma moral e intelectual dos homens e mulheres que compunham especialmente a “boa sociedade”, e, a um só tempo, também repercutia o pessimismo e a desesperança próprios ao seu “tempo histórico”.<sup>5</sup>

Enfim, nossa investigação se dedica, num primeiro momento, à análise dos *topoi* “infância” e “velhice”, no interior do primeiro romantismo, por meio das poesias escritas e publicadas por Gonçalves de Magalhães entre os anos de 1834 e 1836, para que possamos, assim, evidenciar a repercussão significativa da melancolia e do seu momento pessimista e desesperançado próprio ao *Sattelzeit* também no Império do Brasil, especialmente ao longo do período regencial. Na segunda parte, descreveremos a própria oscilação sentimental própria à “tonalidade afetiva” que é a melancolia, evidenciando o momento otimista e esperançoso do poeta, que compreendia que suas poesias seriam âmbito ideal à sensibilização e orientação de seus leitores, a partir do que chamamos de “educação sentimental”, próximo a outro romântico, este alemão e lido por Magalhães e seus companheiros, Friedrich Schiller.<sup>6</sup> O que pretendemos demonstrar é que: se, por um lado, as poesias de Magalhães repercutem e intensificam o pessimismo próprio a seu tempo histórico e a um clima histórico específico, por outro lado, a sua desesperança acaba por provocar certa suspensão, uma perda máxima de compromissos e de vínculos em relação ao seu mundo, tornando possível, assim, a constituição de uma crítica ampla e radical, e mais, como veremos, este pessimismo e desesperança não são sinônimos de passividade, e isto porque está sempre acompanhada de certo otimismo, o qual é significativo o suficiente para fazê-lo dedicar-se a um projeto literário positivo voltado à

nóstico”). Nesse momento, no *Sattelzeit*, os homens não seriam mais capazes de evidenciar, no presente, sentidos oferecidos pelo passado que pudessem delimitar o presente e o futuro, capazes de produzir estabilidade e um otimismo inabalável, pois como podemos ler: “O futuro desse progresso é caracterizado por dois momentos: por um lado, pela aceleração com que se põe à nossa frente; por outro lado, pelo seu caráter desconhecido. Pois o tempo que se acelera em si mesmo, isto é, a nossa própria história, abrevia os campos da experiência, rouba-lhes sua continuidade, pondo repetidamente em cena mais material desconhecido, de modo que mesmo o presente, frente à complexidade desse conteúdo desconhecido, escapa em direção ao não-experimentável. Essa situação começa a se delinear já antes mesmo da Revolução Francesa”. Cf KOSELECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro. Editora PUC-Rio, 2006, p. 37.

<sup>2</sup> Para uma análise da experiência e compreensão do tempo na modernidade, ver ainda as reflexões de Gumbrecht sobre o “cronótopo historicista”. GUMBRECHT, Hans Ulrich, *op. cit.*, p. 9-32. Sobre a experiência do tempo neste período no Brasil, ver ARAÚJO, Valdeí Lopes de. *A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845)*. São Paulo: Hucitec, 2008.

<sup>3</sup> Clima histórico significa, aqui, uma espécie de horizonte sentimental de base no interior de um tempo histórico determinado, o qual se constitui a partir de acontecimentos históricos específicos. Nele, os homens em geral tendem a repercutir um conjunto delimitado de sentimentos, os quais, por sua vez, são adequados (próprios) a certo clima. Podemos falar em uma espécie de palheta sentimental específica a determinado clima, e isto para usar uma expressão cara a Schiller. Nesse sentido, podemos ter modulações no que tange à própria experiência do tempo no interior de um tempo histórico determinado, ou ainda em outras palavras, um tempo histórico ou mesmo um período histórico específico

marcado, por exemplo, por uma aceleração radical, por uma instabilidade política, social, cultural e econômica significativa, pode comportar conjunturas razoavelmente distintas, sendo umas mais organizadas que outras (sem deixar, contudo, de ser um tempo histórico específico, marcado por uma temporalidade determinada, no caso do tempo histórico moderno, em especial do *Sattelzeit*, pela aceleração do tempo). Para um aprofundamento na discussão acerca do clima histórico, ver: GUMBRECHT, Hans Ulrich. Uma rápida emergência do “clima de latência”. *Topoi*, v. 11, n. 21, Rio de Janeiro, jul.-dez, 2010; GUMBRECHT, Hans Ulrich. Reading for the Stimmung? About the ontology of literature today. *Boundary 2*, vol. 35, n. 3, Durham, 2008; ARAUJO, Valdei Lopes de. Observando a observação: sobre a descoberta do clima histórico e a emergência do cronótopo historicista, c.1820. In: CARVALHO, José M. e CAMPOS, Adriana P. *Perspectivas da cidadania no Brasil Império*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, e HEIDEGGER, Martin. *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

<sup>4</sup> Koselleck argumenta que a Igreja e o sentido Deus, fundamental às profecias e às suas determinações acerca do “Juízo Final”, perderam, lentamente, o seu valor de verdade, sua força de orientação imediata. A Igreja e o sentido Deus viram-se dividindo a função de orientação e de estabilização do mundo com o Estado, com os prognósticos que iam sendo produzidos em seu interior. Sobre a reorganização do futuro, ou seja, a produção de sentidos capazes de orientar os homens e de promover certa estabilidade no interior da modernidade, ver: KOSELECK, Reinhart, *op. cit.*, p. 21-39.

<sup>5</sup> Sobre o período regencial como sendo uma conjuntura marcada por debates políticos intensos e por “revoltas” e “rebeliões” no interior de um clima histórico determinado pela desconfiança, podemos ler as palavras de Ilmar Rohloff de Mattos comentando o panfleto de Justiniano José da Rocha: “

moralização da “pátria” e à formação da “nação brasileira”. Enfim, perceberemos que Gonçalves de Magalhães e o primeiro romantismo em geral se equilibrava entre pessimismo e otimismo, e isto porque o seu projeto de reforma moral e intelectual do Império e de formação da “nação” estava comprometido e circunscrito pelos limites impostos por um clima histórico próprio ao seu “tempo histórico” – a melancolia, e, por isto mesmo, fora capaz de constituir uma crítica ampla e radical à sociedade e a instituições como a escravidão.

## Sobre a infância

*Ó minha infância! Ó estação das flores!! De inocente ilusão alva saudosa!! Inda hoje te apresentas/ Ante mim como a imagem deleitosa/ De um sonho que me encantou a fantasia,/Ou como a aurora de um formoso dia.*<sup>7</sup>

Gonçalves de Magalhães escreve uma espécie de ode à infância, que aparece ao poeta como distante e saudosa, como a “estação das flores”, o que significa dizer o lugar próprio à realização plena. O que podemos ler é que a infância seria o âmbito propício à experimentação “inocente” da vida, ou dizendo ainda de outra forma, o espaço da realização de uma existência sem preocupações. A infância possibilitaria a experimentação de liberdade radical, no entanto, não passaria de um “sonho”, de uma quimera, e isto porque ela seria o único estágio da vida que valeria à pena, mas que, no entanto, se despediria cedo demais, ela e a própria possibilidade de se viver com liberdade e satisfação protegido das dores que seriam próprias à existência humana. Um desejo que, aliás, animou não apenas a Magalhães, como também aos seus companheiros mais próximos, o que equivale a dizer que congregou os primeiros Romantismos no Império do Brasil.

A infância “encanta a fantasia”, ou seja, a infância seria capaz de estimular a faculdade da fantasia a compor imagens perfeitas. Na infância, ou ainda em sua “primavera”, o homem se encontraria orientado, originariamente, pela harmonia e pela satisfação e, em meio a esses sentimentos, a fantasia, faculdade responsável pela produção de belas imagens, compunha imagens ainda mais ideais, ocultando as dores que seriam oferecidas, incessantemente, pela vida. O poeta ainda dedicou uma poesia inteira à faculdade da fantasia. Acompanhemos uma parte dela:

*Para dourar a existência/ Deus nos deu a fantasia;/ Quadro vivo, que nos fala,/ D'alma profunda harmonia./ Como um suave perfume,/ Que com tudo se mistura;/ Como o sol que flores cria,/ E enche de vida a Natura./ Como a lâmpada do templo/ Nas trevas sozinha vela,/ Mas se volta a luz do dia/ Não se apaga e sempre é bela./ Dos pais, do amigo na ausência,/ Ela conserva a lembrança;/ Aviva passados gozos,/ E em nós desperta a esperança./ Por ela sonho acordado,/ Subo ao céu, mil mundos gero;/ Por ela às vezes dormindo/ Mais feliz me considero./ Por ela, meu caro Lima,/ Viverás sempre comigo;/ Por ela sempre a teu lado/ Estará o teu amigo.*<sup>8</sup>

A vida seria, por um lado, um desafio constante; ela imputaria ao homem a necessidade de lidar, recorrentemente, com a perda, afirma o poeta, a perda de um amigo, por exemplo, como fora a de seu “caro Lima”, ou ainda dos bons momentos que passam necessariamente. A fantasia aparece, então, como uma faculdade responsável pela construção de belas

imagens a partir do presente e do passado, que se sedimentassem como o próprio horizonte doador de harmonia e de satisfação, imagens capazes, ao fim, de obscurecer não apenas alguns momentos de sofrimento ao longo da existência, mas também a própria determinação fundamental da existência, a de ser um esforço incessante, insuportável e sem sentido. A fantasia e, por conseguinte, o seu produto – as imagens – funcionaria como uma “lâmpada” que “nas trevas sozinha vela”.

Temos, assim, uma espécie de espaço paradisíaco no qual o homem, durante pouquíssimo tempo, gozaria de certo privilégio, o de não experimentar e nem mesmo perceber aquilo que a vida seria realmente, um horizonte terrível que o faria experimentar dores e malogros incessantes, o que provocaria uma espécie de tristeza constitutiva. Na infância, o homem viveria um cotidiano animado, em tudo perfeito, e isto porque não conheceria o significado da palavra perda. As experiências vividas seriam esquecidas, sem nostalgia alguma, e os homens se dedicariam prontamente às circunstâncias mais imediatas. Como podemos ler: “Ó da infância atrativos lisonjeiros!/ Mentirosos afetos!/ Com que prazer amigos passageiros,/ Inúmeros, na infância contraímos!/ E quão fáceis após os repelimos,/ De ligeiras palavras agastados”.<sup>9</sup>

Tudo na infância é “mentiroso”, pois ela passa rápido demais, e com ela o sentimento de satisfação. Nela, toda perda seria facilmente superada, pois os instantes não deixariam saudade e seriam superados após leve zanga, ou ainda, ao mais leve ruído de tristeza a fantasia cumpriria seu papel plástico. Entretanto, cedo o homem seria apresentado ao sentimento de insatisfação, e isto porque, de repente, perderia parte considerável de sua afinação em relação à faculdade da fantasia, entrevendo o que a vida significaria - uma espécie de labor eterno e sem sentido. A infância é apresentada como “mentirosa” porque ela é uma espécie de éden sustentado pela afinação perfeita entre a faculdade da fantasia e as atmosferas da harmonia e da satisfação, mas que cedo, porém, se despediria do homem, que logo passaria a ser atormentado pelo fantasma da falta e da dor, o que é o mesmo que dizer que, de repente, o homem passaria a viver no interior da atmosfera da insatisfação:

*Ó, como é lindo/ O tenro arbusto/ Na primavera!! Como parece/ Que se está rindo,/ Quando o balançar/ Zéfiro brando:/ Quando descansa/ O passarinho,/ E modulando/ Doces reclamos, Vai o ar vizinho/ Harmonizando!! Como é belo esmaltado de flores,/ Exalando balsâmico aroma;/ D'ele em torno voltejam amores,/ E se escondem debaixo da coma./ Mas eis que o adusto/ Vento do norte,/ Soprando forte,/ Já o abala;/ O tenro arbusto/ Nesse tormento/ Todo se dobra;/ A verde galal/ Amarelece;/ E o duro vento,/ Que em fúria cresce,/ Vai arrancando/ Folha por folha,/ E sobre a terra/ Secas lançando,/ Té que despido/ O deixa enfim./ O tempo assim/ Nos vai roubando/ Gratos prazeres/ Da tenra idade,/ Quantos amigos/ A infância tem;/ Até que vem/ A puberdade/ Com seus perigos;/ E desta sorte/ Chega a velhice,/ Tronco gelado,/ Desamparado;/ Até que a morte,/ Como um tufão,/ Lança-o no chão!! Oh, quão perto a velhice está da infância!! E quão perto da infância a morte adeja!*<sup>10</sup>

Enfim, através do *topos* da infância, Magalhães torna claro o seu pessimismo em relação à existência, repercutindo um sentimento fundamental ao seu tempo histórico - a modernidade, em especial o *Sattelzeit*. A infância seria ligeira, breve. O autor apresenta uma compreensão pessimista acerca

o período da Ação foi o período de domínio do princípio democrático, estendendo-se de 1822 a 1836. Nele o jornalista conservador distingue dois momentos: luta e triunfo, separados pela Abdicação. No primeiro momento, ao lado do nacionalismo exacerbado, a desconfiança do poder: ‘havia homens que por amor da liberdade viviam em permanente desconfiança da autoridade’. No segundo, a conquista do Poder pela Liberdade, chegando à exageração; ‘estava senhora do governo a democracia; a câmara dos deputados formava como seu grande conselho diretor: regência, ministério, tudo era ela’”. MATOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo Saquarema*. São Paulo: Hucitec, 2004, p. 146 e 147. A boa sociedade significa, conforme Mattos, “aqueles que eram livres, proprietários de escravos e representados como brancos”. *Idem*. Transmigrar – nove notas a propósito do Império do Brasil. In: PAMPLONA, Marcos A. e STUVEN, Ana Maria (orgs.). *Estado e nação no Brasil e no Chile ao longo do Século XIX*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p. 117.

<sup>6</sup> Tonalidade afetiva é uma tradução possível para o termo alemão - *Stimmung*. Segundo Heidegger, as tonalidades afetivas são horizontes sentimentais e históricos, no interior dos quais sempre já nos movimentamos e que nos provocam à ação, ou melhor, é porque temos “medo”, que insistimos em determinadas condutas cotidianas, e é porque sentimos angústia que nos afastamos de ocupações imediatas e recuperamos, por exemplo, certos sentidos e tarefas sedimentadas e legadas pelo passado (“destino”) de um povo, movimento que Heidegger denomina como “historicidade” do “ser-aí”. Assim, além dos trabalhos de H. U. Gumbrecht e de Valdeci Araujo, já citados, sugerimos também HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. 2 vols. Petrópolis: Vozes, 2002, esp. os parágrafos 29, 30, 40, 41 e 72; e HEIDEGGER, Martin. *Os conceitos fundamentais da metafísica*, op. cit.

<sup>7</sup> MAGALHÃES, Gonçalves de. *Suspiros poéticos e saudades*. Brasília: Editora UnB, 1999, p. 101.

<sup>8</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 89 e 90.

<sup>9</sup> *Idem, ibidem*, p. 102.

<sup>10</sup> *Idem, ibidem*, p. 103 e 104.

<sup>11</sup> Acerca da compreensão de que a vida é inútil, além de dolorosa e insuportável, cabendo ao homem esperar pela morte, além de um diálogo declarado com Lord Byron, temos, também, o diálogo com Natividade Saldanha, que fora uma referência importante para Gonçalves de Magalhães. Cf. CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos (1836-1880)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981, p.281.

<sup>12</sup> Aqui, temos a relação necessária entre clima e literatura e entre frio e apatia. Essa reflexão está em consonância com o pensamento de Mme. de Staël e sua concepção de “literatura do Norte”, leitura fundamental a Gonçalves de Magalhães e seus companheiros do primeiro Romantismo. Acompanhemos: “A imaginação dos homens do norte se lança além da terra, cujos confins habitavam; atravessa as nuvens que orlam seu horizonte e parece representar a obscura passagem da vida à eternidade [...] O clima é certamente uma das principais razões das diferenças que existem entre as imagens que agradam no Norte; e as que amamos relembrar no sul”. STAËL, Mme. de. *Da literatura*. In: LOBO, Luiza. (org.). *Teorias poéticas do romantismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 101. As próprias imagens que Magalhães utiliza aqui, “brando zéfiro” e “harmonia”, por um lado e, por outro, “vento do Norte”, “soprando forte”, “fúria”, são recolhidas à leitura da tipologia de Staël. Sobre a tipologia da crítica francesa ainda podemos ler: “Os povos do norte se ocupam mais da dor que dos prazeres e sua imaginação nisto é mais fecunda. O espetáculo da natureza exerce sobre eles uma forte influência, da mesma forma que se mostra em seus climas: sempre sombria e nebulosa. Sem dúvida as diversas circunstâncias da vida podem alterar esta disposição à melancolia, mas somente esta traz a marca do espírito nacional. É preciso procurar num povo, como num homem, seu traço característico: todos os demais são o efeito de mil acasos diferentes; mas só este constitui o seu ser”. *Idem, ibidem*, p. 102.

da vida, uma vez que o “desamparo”, a “queda” e, por fim, a “morte”, logo se avizinham do homem. A vida aparece como obedecendo a um sentido linear, que encaminha o homem, num ritmo fugaz, da infância à velhice, o que significa dizer, segundo o poeta, encaminharia da perfeição ao “desamparo” seguido da morte – “Oh, quão perto a velhice está da infância!/E quão perto da infância a morte adeja!”.<sup>11</sup> O que se evidencia até aqui é que os sentimentos de pessimismo e de desesperança orientam o poeta, pois a própria existência não valeria a pena, e mais, nenhuma realização e esforço seriam justificáveis, compreensão que sublinha, ao fim, a necessidade de uma prostração radical em relação a qualquer atividade, como a crítica ao Estado imperial em construção, a revolução moral da “boa sociedade”, e a formação da “nação brasileira”, por exemplo. Ainda em outras palavras, a leitura de parte das poesias de Magalhães indica, ao menos por enquanto, que o clima histórico dos anos regenciais seria caracterizado (ou afim) por um pessimismo profundo.

De acordo com o poeta, quando o homem abre os olhos, ao nascer, já está em meio a um mundo “lindo”, perfeito, no qual um suave vento embalança as árvores, repletas de flores, espalhando um “doce aroma” responsável pela sustentação de uma atmosfera de harmonia. Melhor dizendo, neste mundo que é o da infância, vive-se animado pelo aroma doce das flores, que envia o homem para o interior de um âmbito tomado pela harmonia, pois “doce reclamos,/ vai o ar vizinho/ harmonizando”. “Harmonia” e “amor” compõem o horizonte da infância, até que se dá uma transformação desse âmbito, como diz Magalhães, “mas eis que”, inexplicavelmente, se chega outro vento, este não mais o Zéfiro, brisa suave e fresca, que vem do oeste, mas sim um vento forte e frio, vindo do norte<sup>12</sup>, o qual é forte o suficiente para derrubar arbustos e “a verde gala/ amarelece”. A primavera dá lugar ao outono, as flores caem e o ar já não sopra mais um “doce aroma”, no lugar da “aurora de um formoso dia” tudo se torna frio e cinza.

É o “tempo” compreendido como agente autônomo e necessário, de acordo com sua compreensão no interior do “cronótopo historicista (ou do “tempo histórico” moderno), quem rouba ao homem a infância e com ela a “harmonia” e o “amor”. Logo o tempo passa, e, num piscar de olhos, se vai da primavera à “puberdade” ou ainda ao outono e, então, à “velhice”, inverno rigoroso, marcado pelo “desamparo”, até que o sentido “terrível” da vida se consumaria com a morte. Enfim, da infância à morte os homens teriam apenas algumas “estações” e, por fim, alguns poucos suspiros que os levariam da satisfação ao desamparo e deste ao descanso tão requerido: “Oh, quão perto a velhice está da infância!/ E quão perto da infância a morte adeja!”. Aqui, acompanhamos uma descrição trágica da vida, que evidencia todo o pessimismo e desesperança de Magalhães.

Ainda em relação ao pessimismo do poeta, também podemos ler seu “Preces da infância”. Trata-se de um poema de onze estrofes, nas quais Magalhães descreve os pedidos e agradecimentos que seriam próprios a uma oração infantil. E, claro, o que se mostra é um poeta ainda mais desesperado, podemos dizer desesperado, que ao mesmo tempo em que escreve, ora e roga ao Deus cristão, pedindo pela experimentação, uma vez mais, da saciedade e da harmonia infantis. Ou seja, a sua poesia também se transforma em uma prece agônica. No início, ainda tece elogios à infância.

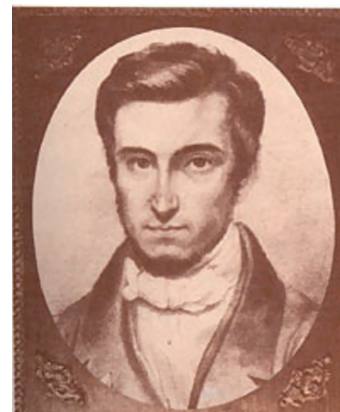
*Vós me vedes, Deus Eterno,/ Como eu sou tão pequenina;/ Minha alma é linda inocente,/ Tão pura como a bonina./ Débeis como minhas vozes/ São inda meus pensamentos;/ Do mundo nada conheço,/ Nem prazeres, nem tormentos./ Qual tenro botão de rosa/ Que à sombra da rosa cresce,/ Sem temer o vento, e a chuva,/ De um frouxo raio se aquece;/ (...) Hoje inocente me chamam!/ Oh, como é bela a inocência!/ É a virtude dos Anjos,/ É das virgens a ciência.<sup>13</sup>*

A infância aparece, novamente, como tempo da “inocência”, o que significa dizer da satisfação plena, trata-se de um modo de ser que nada reclama e que está inteiro naquilo que o mobiliza, como a “bonina”, ou se quisermos a margarida, que se abre toda, atendendo à solicitação do Sol. Na infância, o homem vive em idílio, não conhece a frustração, medida necessária para que sentimentos correlatos como o “tormento” e o “prazer” se evidenciem. O que está em questão aqui é que prazer e tormento só fazem sentido se compreendidos a partir de um horizonte a partir do qual ambos já são oferecidos, caso contrário vive-se de maneira estável, em um mesmo clima, no caso a harmonia e a satisfação.

Entretanto, a poesia de Magalhães passa de uma espécie de ode à infância, a uma súplica, ou melhor, o poeta, ao estilo barroco de um Vieira, reclama a/e com Deus pela permanência de algo que já revelara compreender ser irrecuperável: a infância, sua alegria permanente e perfeita.

*Vós, ó Deus, que podeis tudo,/ Concedei-me por piedade/ Que este aroma da inocência/ Me acompanhe em toda idade./ (...) Dai aos meus pais longa vida,/ E àqueles que à minha infâncial/ Prestam socorros contínuos/ Com tanto amor e constância./ Que felizes, que ditosos/ Por vós, ó Deus, protegidos,/ Passem seus dias, seus anos/ Como astros, sem ser sentidos./ Vigorai minha fraqueza/ Co’a vossa sabedoria./ Ó Deus, ouvi minhas preces,/ Escutai-me neste dia.<sup>14</sup>*

Linhas acima, Magalhães evidenciara a natureza fugaz da vida, afirmando a proximidade entre a infância, a velhice e a morte, a própria fugacidade constitutiva da existência humana acompanhada da inevitabilidade da morte. Nas palavras que acabamos de ler, no entanto, evidencia-se uma estranha ladainha, que agradece e reclama. Encontramo-nos, aqui, em meio a uma aparente contradição, entre (a) a descrição da infância como lugar ideal à realização plena, e a compreensão de que cedo o homem perde, definitivamente, tal possibilidade, sendo lançado num mundo que lhe cobra esforço constante e oferece satisfação apenas parcial, e (b) o desejo desesperado de reconquistar o modo de ser infantil. Contradição aparente, pois para Magalhães e seus companheiros românticos não se trata de algo simples como, ou ser resignado ou revoltar-se em relação à condição precária do homem. Em tudo que fazem ao longo dos anos 30, desde sua viagem a Paris, os três companheiros são resignados e revoltados, a um só tempo, ou seja: por um lado se dedicam à produção de poesias e artigos direcionados à crítica ao Estado em construção, à sociedade imperial e à formação da “nação brasileira”, crédulos na possibilidade de transformação radical do real, e, por outro lado, contudo, se prostram, desanimam, evidenciando seu pessimismo acerca da existência e, ainda, em relação à própria possibilidade de consecução de seus projetos. Orientado pelo pessimismo, e mais, pelo desespero, Magalhães reclama a Deus pela reconquista da harmonia e da satisfação que experimentara a época da infância, e isto



<sup>13</sup> MAGALHÃES, Gonçalves de, *op. cit.*, p. 106.

<sup>14</sup> *Idem, ibidem*, p.106 e 107.

já consciente da impossibilidade de obter sucesso em suas preces.

Na medida em que ia constituindo críticas que propunham transformações morais e sociais significativas, em especial no que tange à escravidão e ao “egoísmo”, o qual teria sido sedimentado no Brasil a partir da colonização portuguesa, o poeta evidenciava a sua insatisfação e pessimismo, sentimentos adequados à experiência do tempo no qual se encontrava, a da aceleração radical. Não sem motivo, Gonçalves de Magalhães suplica por algo que compreende não poder mais experimentar – a harmonia e a alegria perfeitas específicas à infância –, e mais, desesperado, reivindica vida longa para seus pais e amigos, reclamando por uma espécie de “proteção” especial, em última instância impossível, para que eles “passem seus dias, seus anos/ como astros, sem ser sentidos”.

Enfim, o que podemos perceber até aqui é a adequação entre um “tempo histórico”, a modernidade, em especial o *Sattelzeit*, um “clima histórico” melancólico, também (ou em determinados momentos) pessimista, que vigorou com mais ou menos força quer na Europa quer no Império do Brasil ao longo dos anos de 1750 e 1850, e os sentimentos produzidos dentro do projeto de reconstrução moral e de formação nacional organizado a partir do livro de poesias de Gonçalves de Magalhães, os seus *Suspiros poéticos e saudades* (e, também, da *Revista Niterói*). Um projeto que repercutiria o pessimismo de seu clima histórico, e que o completara com os sentimentos de desespero e de apatia.

### Sobre a velhice

Magalhães continua evidenciando seu pessimismo e anota que a velhice, dia seguinte da infância, seria o resultado de uma vida dolorosa, terrível. “Longa foi a viagem;/ Assaz lutastes; descansai agora./ Depois de haver vingado alpestre monte/ Desde o albor da manhã, o peregrino/ Afadigado desce,/ E envolto em trevas vai pousar no vale”.<sup>15</sup>

Permanece o tom fortemente pessimista ao qual nos referimos. “Longa foi a viagem”, e isto porque sua determinação específica é a dureza, a vida seria uma espécie de deserto no qual caberia ao homem suportar o peso que seria o de ter de construir e perder sentidos, sempre novamente, dia após dia, e isto sem nenhuma justificativa suficiente. Magalhães, pessimista e desesperado, como que descreve a vida de trás para frente e o que vemos é sua ânsia em justificar toda a existência pelo “descanso” decisivo, a morte. A vida não seria interessante, seria o império do esforço, da preocupação e do sofrimento, apenas a morte e o descanso a justificariam, assim, o fim aparece como o sentido mais fundamental para a vida.

O poeta recorre a outro *topos* fundamental ao romantismo, a natureza. Ela aparece como perfeita, o oposto do humano, permanecendo intacta em seu esplendor, e o homem, por outro lado, seria determinado pela decadência progressiva, até que experimentasse a velhice e com ela a morte. A velhice seria o fim doloroso que traria consigo a única possibilidade propriamente desejada pelo poeta, o “descanso”, pois

*Para vós basta, ó Velhice!! Inda o sol tem resplendores,/ Inda a noite tem estrelas,/ Inda a lua alvos fulgores./ Inda os prados reverdecem,/ E de florzinhas se arriam,/ Inda, suspensos nos ramos,/ Os passarinhos gorjeiam./ Inda o zéfiro sereno,/ Cheio de aroma e doçura,/ Fruindo o néctar das flores,/ Na madrugada murmura./ Inda a*



*cascata ruidosa/ Entre seixos se despenha;/ Inda o som da sua queda/ Ressoa ao longe na brenha./ Inda os regatos deslizam,/ As feras nos bosques rugem,/ E lambendo a branca areia,/ Nas praias as ondas mugem./ Tudo vida inda respira;/ A terra não está mudada;/ Vós só marchais, ó Velhice,/ Triste, débil e curvada.<sup>16</sup>*

O pessimismo de Magalhães, que é uma determinação de seu “tempo histórico”, como já anotamos, orienta-o na construção de certa concepção antropológica, a saber, o homem aparece como um ente fragilíssimo, marcado pela necessidade de ter de sofrer construindo sentidos ininterruptamente, pois sua existência seria exposta a transformações incessantes e imprevisíveis, sem justificativa suficiente; afinal, o tempo seria um agente autônomo e necessário de transformações. O destino do homem seria a velhice e a morte, aquela ainda mais brutal, vale sublinhar, porque a morte ofereceria o “descanso” definitivo. A natureza, por outro lado, não se transformaria radicalmente, não sofreria, não definharia, ao passo que o homem iria se “curvando” a cada dia ou a cada “estação”. Enfim, observando a natureza e o mundo dos homens, comparando-os, método comum aos românticos, Gonçalves de Magalhães anota a seguinte conclusão antropológica: os homens nasceram para sofrer e para morrer.

*A noite eterna vos estende os braços,/ Ah! Preparai-vos para o sono eterno. [...] Sob o peso da fronte encarnecida,/ Já se curva e vacila o vosso porte,/ Qual co'os flocos de neve a frágil hástea;/ Entoastes o cântico da vida,/ Entoai vosso cântico de morte/ Como o cândido cisne,/ Que indo descer à escuridão do lago,/ Cantando diz-lhe adeus na fatal hora,/ Para nunca mais ver raiar a aurora./ Basta! É hora das preces, Ó Velhice!/ Para o mundo acabastes./ Vossa alma resgatai do barro impuro;/ O céu, que alma vos deu, pede vossa alma,/ E a terra vosso corpo está pedindo;/ Ah! dai à terra o que vos deu a terra!/ Mas ah, não choreis!/ E por que chorais?/ Se vós não sabeis/ Nem o que ganhais,/ Nem o que perdeis./ Perdeis a terra, é certo; mas que importa,/ Se celeste esperança vos conforta!/ Viver é sonhar,/ Sonhar é dormir;/ Deveis acordar,/ Para ao céu subir,/ E no céu velar./ Acordai; sossegai o aflito peito,/ Que ides deixar o amargurado leito./ O pranto enxuga,/ Bani o temor;/ O nome entoai/ Do Eterno Senhor;/ E a ele voai.<sup>17</sup>*

E aqui, pessimista, ou ainda mais, apático e desesperado, o poeta ainda anota:

*Não, não é sangue; é fel envenenando,/ Que em minhas veias gira./ Não, não é vida; são espinhos hirtos,/ São hervados acúleos, que incessantes/ O coração me pungem./ Não, não é ar; é o hálito da morte,/ Que o peito me comprime./ Não são do mundo as cenas que me envolvem;/ São as cenas do inferno.<sup>18</sup>*

O poeta revela o pessimismo e o desespero que o orientam. Afirma que, ao invés de sangue, o que alimenta seu coração é ódio, “fel”, mau humor. Afirma sentir, dia após dia, “espinhos” inteiriçados, ríspidos, impregnados de veneno, penetrando em seu coração. A todo o momento, ou como escreve, sempre que respira, sente a morte que “comprime” seu “peito”. Enfim, descreve a existência como um sofrimento incessante, um martírio próprio ao “inferno” (cristão), espaço no qual as almas compreendidas como pecadoras experimentariam um abandono definitivo. Aqui, Magalhães deixa-nos perceber todo o seu pessimismo, e mais, seu desespe-

<sup>16</sup> *Idem, ibidem*, p. 124 e 125.

<sup>17</sup> *Idem, ibidem*, p. 126-128.

<sup>18</sup> *Idem, ibidem*, p. 149.

<sup>19</sup> *Idem, ibidem*, p. 150.

<sup>20</sup> *Idem*.

<sup>21</sup> Vale ressaltar que no poema "A mocidade", Magalhães faz um elogio à juventude, que se arriscara a contrariar as "brancas cabeças da velhice" em nome da pátria. Uma pista que nos ajuda a compreender que o poeta se orientava menos pelo o que podemos chamar de um pessimismo radical do que por uma tensão entre pessimismo e apatia, por um lado, e esperança e ímpeto, por outro, tensão que acompanha a Magalhães bem como a seus companheiros, senão vejamos: "Gigante do porvir, ó Mocidade! Erguei a fronte ativa/ Entre as brancas cabeças da velhice;/ Como ao sopro vital da primavera/ O pimpolho gentil se desabrocha/ Entre os já secos e curvados troncos". *Idem, ibidem*, p. 109.

<sup>22</sup> *Idem, ibidem*, p. 153 e 154.

<sup>23</sup> Essa religiosidade, que anseia por um mundo transcendente, pós-morte, no qual a paz e a felicidade estariam asseguradas, o que nos leva a compreender a vida como sendo um "vale de lágrimas", foi colhida junto a Chateaubriand, outra leitura decisiva para Magalhães e para seus companheiros. Como escreve Chateaubriand: "Concebida para as nossas misérias e necessidades, a religião cristã oferece-nos permanentemente o duplo quadro dos pesares da terra e das alegrias celestiais e, por este modo, produz no coração uma fonte de males presentes e de esperanças longínquas de onde provêm fantasias inesgotáveis. O cristão considera-se sempre um viajante que atravessa um vale de lágrimas aqui na terra e que só terá repouso no túmulo. O mundo não é o objeto dos seus desejos, porque ele sabe que 'o homem poucos dias vive' e que este objeto lhe escaparia em pouco tempo". CHATEAUBRIAND, François-René. *O gênio do cristianismo*. 2 vols. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1960, p. 68. Ou ainda: "A religião cristã, ajustada às nossas misérias e necessidades, oferece-nos incessantemente o duplo quadro das tristezas da terra e das alegrias do céu, e destarte abre no coração uma fonte de males presentes e de esperanças longínquas, donde derivam inesgotáveis abstra-

ro, pois descreve a existência humana como sendo um âmbito no qual as almas sofreriam castigos dolorosos, afastadas, definitivamente, de Deus. Até que, intensificando suas influências Barrocas, questiona violentamente a Deus acerca da necessidade de se insistir numa experiência terrível, aventando a própria possibilidade do suicídio:

*É possível, meu Deus, que tanto sofra/ Um mísero mortal, e qu'inda viva?! Queres ver do teu servo/ A alma, de padecer já calejada,/ Sem murmurar, sem blasfemar, té onde/ A paciência leve?! Em mim acaso novo Jó preparas? Ou o meu coração não é de humano,/ Ou a dor já o tem empedernido/ Co'o reiterado combate.* <sup>19</sup>

Magalhães se confessa frágil para continuar suportando uma vida que descreve ser "infernál", e suplica a Deus pela abreviação de sua existência: "Ó meu senhor, pequeno é o meu peito,/ Para conter um coração repleto/ De tantas aflições, de angústias tantas./ Tira-me a própria vida [...]".<sup>20</sup> Classifica os homens como "infantis" porque seriam " vaidosos" e criam que a sabedoria necessária à instauração de uma vida perfeita (satisfeita) não só seria possível como estaria disponível nos "livros" e, por conseguinte, afastavam-se dos "conselhos" daqueles que em "velhice" colheram "experiência", aqueles que experimentaram a existência e perceberam o que ela seria verdadeiramente - "infortúnio".<sup>21</sup> Os homens e mulheres que dirigiam o Império, em especial, julgavam-se "sábios", e isto porque criam deter o conhecimento necessário ao enfrentamento da vida e, como resultado, armava-se uma "terrível tempestade", ou seja, esses homens e mulheres "repeliam-se" e "debatiam-se" porque se compreendiam "sábios" e independentes, e assim enfraqueciam-se para a experiência terrível que seria a da vida, a do "Ser".

*Ó infantil vaidade! Vós, ó jovens, cuidais que sabeis de tudo,/ As páginas de um livro apenas lendo/ Dos velhos desprezais os sãos conselhos,/ E orgulhosos dizeis: - Hoje a velhice/ Lições de tomar da juventude;/ Hoje de nossos pais acima estamos/ Moço sou, como vós sábio julguei-me;/ Como vós iludi-me./ Ontem fagueira a sorte se mostrava,/ Ria-se a Natureza,/ E em sacros laços de amizade estreita/ Os homens se apertavam./ Hoje terrível tempestade brama,/ Os homens se repelem, se debatem./ Como rábidas feras nas florestas./ Misterioso enigma,/ Inexplicável Ser, capaz de tudo,/ Fonte de vícios, de virtudes fonte,/ Que edificas, que assolas, e que sempre/ De ruína avante marchas,/ Como um Gênio de morte,/ Dize, o que és tu, ó homem!* <sup>22</sup>

Magalhães faz de suas poesias uma oração em tudo violenta e pede/ reclama a Deus pelo seu retorno, bem como o de seus pais e amigos, à infância. No entanto, sua prece é desesperada e, adequada ao seu "clima histórico", indaga ao Deus cristão pela lógica que determina o mundo, a partir de uma postura barroca bem definida, ou seja, sem deixar de crer na existência desse ente qualitativamente superior. E, ainda desesperado, sem encontrar respostas suficientes, reclama pela morte. Mesmo quando agradece pela existência o faz porque considera que ela seria o âmbito ideal no qual os homens sofreriam o suficiente à expiação de seus pecados, apenas em proveito de uma vida transcendente. Roga pela abreviação de suas dores, pelo "descanso" definitivo. Desesperado, se prostra e compreende a vida como sendo, na melhor das hipóteses, um vale de lágrimas sem

sentido, ou um inferno, e reclama pela vida eterna ou, se quisermos, pela satisfação perfeita, e isto num outro mundo.<sup>23</sup>

## O reencantamento do mundo: otimismo e esperança

*Que tens? De que te queixas, desgraçado?! É da Pátria a saudade que te aflige?! São os erros do homem? São teus erros,/ Que pesam sobre ti? És criminoso?! Aborreces a vida? A morte queres?! [...] Não; não sou desgraçado. Estas profundas/ Dores que me aguilhoam d'alma os seios,/ São os sinais de uma lição de mundo./ Sinto a dor, mas sou grato à Providência,/ Que destarte me instruí, como mãe terna,/ Que só para ensinar o filho pune./ No mais íntimo d'alma o virtuoso/ Acha quem o console na desgraça./ Desgraçado és tu só, tu miserável,/ Tu, que não do assassino o punhal temes,/ Mas o punhal da própria consciência.<sup>24</sup>*

Aqui, podemos acompanhar o otimismo que também funda a visão de mundo de Magalhães, e isto através de uma religiosidade que não permitiria ao homem desejar a própria morte. O homem não aparece mais como sendo um “desgraçado” e o mundo não seria um vale de lágrimas, estando em questão uma espécie de reconhecimento de que a dor é parte constitutiva da vida, e que ela apareceria como caminho necessário à própria assunção de uma alegria imanente, uma “lição de mundo” oferecida por Deus, para a qual o homem deveria posicionar-se “grato”. A dor representaria uma “punição” propedêutica, ou melhor, prepararia o caminho para a alegria (precária) ainda neste mundo. Os homens não deveriam ser compreendidos como pecadores incapazes de regeneração, pelo contrário, sempre haveria homens alegres e capazes de “consolar”, de oferecer amor. O poeta entende que o homem que se compreende como “desgraçado” seria incapaz da modéstia necessária para conquistar a alegria neste mundo pelo único caminho disponível, a dor. Nesse momento dos *Suspiros*, a antropologia de Magalhães sofre um deslocamento considerável e passa a compreender o homem como uma criatura que se aperfeiçoaria por meio da dor e do trabalho constantes, compreendendo o mundo como sendo parte da “cidade de Deus”, para nos aproximarmos de Santo Agostinho.<sup>25</sup>

*Lei é da Humanidade, e não do acaso;/ Sofrer, sempre sofrer é seu destino./ A Natureza o homem bruto cria,/ O mundo o aperfeiçoa/ Com dores e trabalhos./ Como se brunem com o atrito os seixos,/ No revolver das ondas,/ Ou como o crisol, à chama exposta,/ Se purifica a prata,/ Destarte, entregue à dor, doma-se o homem.<sup>26</sup>*

A “humanidade” obedeceria a uma única lei, a inevitabilidade da “dor” e do “trabalho”. Dizendo ainda de outra forma, os homens necessitariam aprender com as experiências da perda e da insatisfação. Na medida em que sofre e reconstrói sentidos, incessantemente, o homem abriria o espaço necessário à conquista da alegria e realizaria os planos divinos. Aqui, o mundo ganha novo sentido, é reencantado, ou melhor, passa a ser um âmbito desejado no qual o homem poderia e deveria aperfeiçoar-se, conduta que renderia alegria e satisfação, por um lado, e restituiria a Deus parte do “esforço” que teria realizado em prol do homem, mas isto sem que a experiência do tempo se altere, vale sublinhar, tempo que continua sendo percebido como agente autônomo e necessário de transformações. Acompanhemos:

ções. O cristão considera-se sempre um viajante que vai aqui passando por vales de lágrimas, sem outro repousar que o da sepultura. O mundo não é objeto de seus votos, porque sabe que o homem vive poucos dias, e que este objeto depressa lhe fugiria”. *Idem, ibidem*, p. 275.

<sup>24</sup> MAGALHÃES, Gonçalves de, *op. cit.*, p. 157 e 158.

<sup>25</sup> Essa compreensão que percebe o mundo como espaço aberto à dor e, também, à conquista da alegria e à restituição a Deus de seu sofrimento em prol do homem afasta Magalhães de Chateaubriand. Devemos essa interpretação à leitura que Hannah Arendt faz sobre o problema do amor em Santo Agostinho, em especial à sua compreensão de que, segundo ele, o mundo possui grande valor na medida em que ele é necessário à conquista da felicidade, ou ainda, da beatitude, e isto através do exercício da virtude da caridade, pois “A via da beatitude que é o amor vai do uso (*uti*) à fruição. O objeto do uso determina-se do próprio objeto da fruição (*fruedum*). ‘Aquilo de que devemos fruir faz-nos felizes. Aquilo que devemos usar ajuda-nos no nosso esforço para alcançar a beatitude’. A caridade, ligada ao bem supremo, só tem relação com o mundo enquanto o mundo serve o seu fim último. No uso do mundo, o mundo é posto em relação com Deus. Utilizado o mundo perde a sua autonomia para o homem, e, subitamente, também o risco de se ver votado à cobiça do homem. A justa relação com o mundo é o uso: ‘É preciso usar o mundo e não fruí-lo’”. ARENDT, Hannah *O conceito de amor em Santo Agostinho*. Instituto Piaget: Lisboa, s./d., p. 37. Segundo Cassirer, vale ressaltar, Santo Tomás de Aquino radicalizara a compreensão de que caberia ao homem pensar e agir em nome de seu aperfeiçoamento, a despeito de sua natureza decaída e de sua fragilidade constitutiva: “A despeito da queda, portanto, o homem não perdeu a facultade de usar as suas forças devidamente, preparando-se assim para a sua própria salvação. Ele não desempenha um papel passivo no grande drama religioso; a sua contribuição ativa

é reclamada, e, na verdade, é indispensável. Nessa concepção, a vida política do homem ganhou uma nova dignidade. O Estado terreno e a Cidade de Deus já não são pólos opostos; relacionam-se e completam-se um ao outro". CASSIRER, Ernst. *O mito do Estado*. São Paulo: Códex, 2003, p. 144.

<sup>26</sup> MAGALHÃES, Gonçalves de, *op. cit.*, p. 158.

<sup>27</sup> *Idem, ibidem*, p. 159-161.

<sup>28</sup> Sobre o lugar de preponderância ocupados pelos sentidos "Deus" e "Pátria" na poética de Magalhães, ver uma de suas poesias publicada nos *Suspiros* dedicada a relatar a experiência que teve de um quase naufrágio quando de sua ida a Paris: "Aqui, neste Oceano,/sem que sequer um só prazer desfrute,/ Tudo é horror, e um vasto cemitério./ De cada lado gigantescas vagas/ Irritadas elevam-se, curvando/ Sobre o navio que sem tino vaga./ Negras nuvens do sol a face enlutam;/ Soltos trovões se embatem, troam, bramam;/ Rijo sibila o vento nas enxárcias;/ Ante a proa em montanhas espumosas/ Se pulveriza o mar, roncando horrísono [...]/ Que horror, ó céus! Que sorte nos aguarda [...]/ Se é nossa estrela que morramos todos,/ Quero ser o primeiro/ Em quem, ó ondas, sacieis a fúria [...]/ Como filhos rebeldes,/ Que os são conselhos paternos desprezam,/ Zombam mesmo dos pais, e de delírio/ Em delírio à desgraça se encaminham;/ E quando já no poço da miséria/ Lhes brada a consciência,/ Então os pais invocam;/ E se os pais os não salvam, ali morrem./ tu és pai, ó meu Deus! Misericórdia! [...]/ Glória! glória ao Senhor! estamos salvos!/ Desaparece a morte,/ raia o sol, ri-se o céu, o mar se aplanam!/ Glória! glória ao senhor! estamos salvos! Afaga-me a esperança,/ Que renasce no fundo de minha alma,/ Como a fênix das cinzas./ Ó Pátria, serei teu; minha existência/ Ao louvor de meu Deus, a teus louvores/ De ora avante a consagro". *Idem, ibidem*, p. 367.

<sup>29</sup> *Idem, ibidem*, p. 161 e 162.

*Nossos olhos lancemos ao passado,/ E co' o fanal da história descobramos/ Quantos martírios nossos pais sofreram./ Tudo o que vemos nada é mais que a luta/ Da verdade, e do erro./ A verdade, que herdada hoje gozamos,/ Assaz regada foi com sangue humano./ Por nós dezoito séculos lutaram,/ E nós pelo porvir lutamos hoje./ Não é fora do mundo,/ Engolfado em prazeres que embriagam,/ Em brando leite lânguido estendido,/ Rodeado de escravas, que o incensam,/ Como um Rei do Oriente; nem na mesa/ De esplêndido banquete, qual Luculo,/ Que se colhem lições da experiência./ Não; engana-se aquele, que Epicuro/ Mal interpreta, e diz – Eia, gozemos;/ A vida no prazer cifra-se toda.*<sup>27</sup>

O passado é tematizado a partir de uma função pragmática, a de lembrar que muitos homens enfrentaram desafios impossíveis e que persistiram em nome do "porvir". O passado é utilizado pelo poeta com o intuito de animar o seu leitor, que seria convocado à insistência na vida, nos assuntos referentes à sua "pátria", a partir do sentimento de responsabilidade, ou seja, o passado da "pátria" deveria ser lembrado, a luta e insistência de determinados "brasileiros", anota noutro momento, o que despertaria seus contemporâneos para continuarem insistindo na vida (na "pátria") em nome dos dois sentidos fundamentais ao poeta – Deus e pátria.<sup>28</sup> A vida (ou mesmo a história) aparece, então, como um jogo de erro e de acerto, no qual o mal ia vencendo e o homem deveria, por sua vez, se posicionar diligente e atento, afastando-se dos "prazeres que embriagam", e da própria compreensão de que se pode ser plenamente feliz. Aqui, podemos encontrar, aliás, um dos motivos centrais da crítica de Magalhães e de seus companheiros à escravidão, a saber, ela seria uma instituição que protegeria o homem daquilo graças ao qual ele poderia alcançar alegria, bem como restituir a Deus e conquistar a salvação: a dor e o trabalho.

*É nos cárceres só, é nos perigos,/ Quando ao exílio marcha o justo Aristides,/ Quando Homero um chorado pão esmola,/ Quando no cárcer Galileu medita,/ Quando do trono avito um Rei baqueia:/ A experiência então a voz levanta:/ Sólon, Sólon, Sólon, bem m'ó dizias!/ Do passado a lembrança é morta idéia;/ A experiência só, a experiência,/ Dura, severa mestra,/ Por caminhos de dores, entre espinhos,/ Guia o incerto passo/ Do mortal que viaja sobre a terra./ A dor é da verdade companheira;/ Quem busca a experiência, a dor encontra.*<sup>29</sup>

A vida, "viagem incerta" segundo o poeta, se autoconsumiria e se autocontradiria, transformando-se ininterruptamente e fazendo aparecer conjunturas marcadas pela contingência e pela imprevisibilidade, situações que precisariam de atenção e cuidado específicos. Nesse sentido, os homens precisariam se entregar às experiências disponibilizadas pelo presente, animados pelo passado. O poeta anota que apenas por intermédio do sofrimento mais autêntico, aquele experimentado a partir de conjunturas inéditas e imprevisíveis, é que os homens poderiam alegrar-se, restituir a Deus sua atenção e redimir parte de seus pecados, e mais, seria através do sofrimento que os homens em geral compreenderiam a determinação específica da vida, a fragilidade. Enfim, tendo compreendido, definitivamente, que a existência seria um sofrimento eterno, o homem não exigiria mais da vida aquilo que ela não poderia proporcionar – a satisfação perfeita –, e, resignado, seria capaz de alegrar-se apenas na medida do possível.

O que acabamos de descrever é uma espécie de reencantamento da

vida, ou melhor, Gonçalves de Magalhães a propõe como um lugar no qual dor e alegria se complementam, não sendo mais permitido ao homem reclamar e desejar o “descanso” definitivo, a morte.

*Por que pois lamentar se a dor é útil?/ Se ela é nuncia de um mal, de que nos cumpre/ Fugir, ou evitar assaltos novos?/ O fogo que ao infante o dedo queima,/ A refletir o ensina, enquanto os mimos/ Da terna mãe mil vezes o corrompem.<sup>30</sup>*

E ainda segundo Magalhães,

*Oh, desgraçado aquele/ Que jamais suportou uma só mágoa/ E que de gozo em gozo vê seus dias/ Correr tranquilamente;/ Como a flor nasce, e morre,/ Mas como a flor também nada conhece;/ Existe, mas não vive,/ Que é, sem dor, o prazer uma quimera./ Para vermos a luz, que ânsias, que dores/ Não sofrem nossas mães? Mas nesse instante/ As dores maternais, nascendo, herdamos./ Glória, fama, saber dores nos custam;/ E quem sabe se à dor põe termo a morte?/ Como é feliz aquele que levanta/ Seu espírito a Deus, e com fé pura,/ No meio da tormenta,/ Que o mundo sem cessar contra nós arma,/ Do céu auxílio espera,/ Enquanto sem conforto, entregue à raiva,/ Blasfema o ímpio contra Deus, e os homens./ Feliz que assoberba a iníqua sorte,/ E, para o consolar, acha a virtude,/ Que benéfica brilha,/ Como em negra solidão plácido lume/ Alma esperança gera, prometendo/ Asilo ao peregrino afadigado.<sup>31</sup>*

A existência humana aparece, aqui, como sendo uma “tormenta” constante “que o mundo sem cessar contra nós arma”, no entanto, não caberia ao homem reclamar, “blasfemar”, ou mesmo, tratá-la com desânimo. Para o poeta, os homens deveriam se colocar numa postura de aceitação do que a vida é mais propriamente, “tormenta”, e, assim, aceitar a dor e o trabalho como meios através dos quais poderiam alegrar-se, restituir a Deus a sua atenção e assegurar a salvação.

*Feliz, feliz mil vezes, quem tranquilo/ Não houve o apuridar da consciência,/ E um só crime exprobar-lhe!/ E no leito da paz, ou na masmorra,/ Não vê punhais em sonhos, nem fantasmas./ Mesmo quando os ruins dores lhe causem,/ Como Guatimozín atado, e posto/ Sobre estendidas, chamejantes brasas,/ Com os olhos no céu, sereno exclama:/ Num leito estou de rosas!/ Entre afiadas rodas, açoitado/ Com lâminas de ferro;/ Na cadeia, no circo, e na fogueira,/ Ou alvo da calúnia,/ O justo não sta só, Deus é com ele./ Cadeias, circo, infâmia, fogo, e morte,/ Tudo supera o justo./ Como as nuvens pejudas de vapores/ Exalados da terra/ Do coruscante sol a face cobrem,/ E por um pouco a Natureza enlutam;/ Mas depois da tremenda tempestade,/ De mais belo cetim o céu se arreia,/ E o sol raios dardeja mais brilhantes,/ Assim depois da angústia, e da calúnia/ A inocência triunfa acrisolada.<sup>32</sup>*

O homem reencantaria o mundo ao reconhecer sua finitude constitutiva e experimentaria a Deus como sentido necessário e suficiente à insistência na vida. Temos, assim, um mundo revalorizado, ou seja, o homem enfrentaria cada desafio oferecido pela vida, buscando ser feliz neste mundo, orientado, em última instância, por uma experiência transcendente, “feliz! Feliz mil vezes, [...] tranquilo”, pois o “céu orienta”. E, aqui, Magalhães está justificando a necessidade dos homens em geral insistirem numa vida que seria árida e, ainda mais, ele está preparando a justificativa para que seus “compatriotas” pudessem se animar e se dedicar à vida, o que

<sup>30</sup> *Idem, ibidem*, p. 162.

<sup>31</sup> *Idem, ibidem*, p. 162-164.

<sup>32</sup> *Idem, ibidem*, p. 164 e 165.

<sup>33</sup> *Idem, ibidem*, p.163.

<sup>34</sup> *Idem, ibidem*, p. 165 e 166.

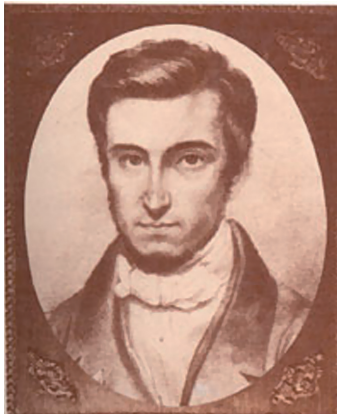
<sup>35</sup> *Idem, ibidem*, p. 78.

significa, neste caso, à defesa da “pátria”, que estaria entregue a homens e mulheres “egoístas”. Noutras palavras, Magalhães compreendia que a existência humana era marcada pela necessidade do esforço e da dor e, por conseguinte, buscava provocar em seu leitor a consciência e a aceitação de sua condição finita e trágica. Apenas essa compreensão ofereceria aos seus leitores, os “brasileiros” da “boa sociedade”, a possibilidade de insistir na “defesa de sua pátria”, ou seja, na crítica moral do Estado em construção e da sociedade, e isto porque para essa tarefa seria necessário ter uma paciência profunda e compreender, seguidamente, os reveses necessários.

Magalhães, otimista e esperançoso, assume, aqui, uma religiosidade imanente e exorta, através de sua poesia, a necessidade do homem viver uma vida ativa, lutando, incessantemente, buscando superar seus desafios, no entanto, com paciência e resignação em relação aos resultados colhidos. O homem sofreria reveses como a prisão ou mesmo a morte, mas eles seriam o preço necessário à consecução de revoluções morais e à conquista da alegria, bem como à salvação eterna. Podemos perceber, ainda, um deslocamento significativo em relação às próprias compreensões de dor e de morte, pois quem poderia provar que os homens seriam expostos à dor e à fragilidade apenas ao longo de sua existência no mundo e que, após a morte, a dor e o esforço não seriam mais necessários: “E quem sabe se à dor põe termo a morte?”<sup>33</sup>

Enfim, a vida aparece menos como um “vale de lágrimas” do que como um caminho profícuo, através do qual o homem poderia, na medida do possível, redimir-se de seus pecados, e, orientado pelo Deus cristão, contribuir para a organização de uma sociedade moral e alcançar alegrias possíveis. O poeta, otimista e esperançoso, não inquire mais a Deus, desconfiado da inconsistência de seus projetos e desejoso de por fim a sua própria existência.

*[...] não nos lamentemos;/ Que quanto mais se sofre mais se alcança./ A dor só para o iníquo é um tormento./ De Zeno as leis seguindo,/ Como se a não sentíssemos, vivamos;/ Deus existe, e nos vê; Deus só nos julga.*<sup>34</sup>



### A natureza e a assunção da finitude humana

*Quando dos gelos, que alcantis coroam,/ Vê a enchente rolar em cataratas,/ Por cem partes abrindo largo leito,/ Fragas, e pinheirais desmoronando; Quando vê as cidades enterradas/ A seus pés na planície,/ e negros pontos/ Aqui e ali moverem-se sem ordem,/ Como abelhas em torno da colméia;/ O homem então se abate; um suor frio,/ Qual o suor que o moribundo coa,/ Rega-lhe o corpo extático; sua alma,/ Como um sutil vapor, que o lírio exala,/ Ferido pelo raio matutino,/ Da terra se levanta; e o corpo alente/ Qual um combro de pó morto parece.../ Ela está no infinito!*<sup>35</sup>

O movimento do poeta continua sendo o de reencantamento do mundo, aqui, porém, utilizando-se do *topos* natureza pretende fazer de sua poesia um âmbito no qual os homens e mulheres da “boa sociedade” pudessem se surpreender através da experimentação do que chama de natureza, a partir do qual as certezas e procedimentos habituais fossem postos em questão, abrindo espaço ao estranhamento e à experiência da fragilidade, da fé e da reorientação moral.

O homem precisaria ser contraposto àquilo que seria sua verdadeira

essência, a finitude. A estratégia de Magalhães fora a de trazer a natureza para a cidade, forçando o leitor de suas poesias a sair de sua cotidianidade e imergir num horizonte desconhecido. Seria necessário construir uma rede textual capaz de provocar no seu leitor o sentimento de finitude. Se, num primeiro momento, os olhos humanos, protegidos no cume de um despenhadeiro, percebem gelo, num segundo momento, de repente, o gelo se transforma em água e “rola em cataratas”. A catarata se abre em mais de “cem partes”, em incontáveis quedas-d’água incontroláveis. Os homens e mulheres da “boa sociedade”, iludidos pela promessa de viver em um mundo previsível, experimentariam através de suas poesias um espetáculo imensurável e fundamental para que eles pudessem sentir e compreender sua condição finita.

Magalhães descreve árvores que desmoronam e um homem que assiste passivo e aturdido à destruição de cidades inteiras, testemunha a morte de outros muitos, e isto sem nada poder fazer. “A seus pés” tudo é “negro”, o que nos revela sua incapacidade de discernir, de compreender, através da razão, o fato que vivencia. Ele não é capaz de explicar o que vê e, menos ainda, de se colocar numa atitude ativa, no sentido de salvar as vítimas. Enfim, tudo se move “sem ordem”, ou melhor, sem uma ordem apreensível, e o observador e os leitores seguem estupefatos. “O homem então se abate”, pois se vê incapaz de produzir conceitos capazes de explicar a imediatez e a força da enchente (da natureza) que presencia, é tomado por um “suor frio”, já não está tão seguro, porque também pode se imaginar lá embaixo, à mercê da natureza incontrolável. Em *Suspiros*, Magalhães também se mostra otimista e esperançoso no que concerne à possibilidade de provocar seus leitores à insistência em relação aos interesses da “pátria”, mas para isto, o poeta dedica-se a uma “educação sentimental”, ou seja, à emoção de seus leitores, provocando-os à experiência da finitude radical e, em seguida, orienta-os através de imperativos cristãos. Em última instância, seria necessário que seus leitores abandonassem seus cotidianos “egoístas” e se dedicassem ao bem de todos, ao bem da “pátria”, e isto a partir de uma paciência e resignação profundas, adequadas ao que seria a própria vida.

O observador (e o leitor) se encontra apavorado e sua “alma”, em função da dor e da sensação de finitude, experimenta uma espécie de leveza, ela é lançada ao “infinito”, espaço que só pode ser acessado se o homem reconhece, decisivamente, que é frágil. Assim, o leitor experimentaria fragilidade e impotência, e se convenceria da necessidade de orientar-se pelo Deus cristão, ou ainda, pela moralidade cristã, em especial pelo amor, que é o imperativo de agir de acordo com o bem da totalidade, da “pátria”. A necessidade e validade de se insistir na vida, na “pátria”, de forma adequada, com paciência e resignação, passa a ocupar o primeiro plano nas poesias de Magalhães.

E sobre a natureza o poeta salienta:

*É a voz do Universo! – voz terrível,/ Porém harmoniosa, que proclama/ a existência de um Ser, que de si mesmo,/ De sua onisciência, e eterna força,/ Tudo tirou, quanto o Universo encerra.*

*Os céus, os mundos, o Oceano, a terra/ É um vasto hieróglifo, é a forma/ Simbólica do Ser aos olhos do homem./ O movimento harmônico dos orbes/ É o hino eterno e místico, que narra/ Altamente de um Deus a onipotência./ Tudo revela Deus, – e Deus é tudo.<sup>36</sup>*

<sup>36</sup> *Idem, ibidem*, p. 79.

<sup>37</sup> *Idem, ibidem*, p. 79 e 80.

<sup>38</sup> *Idem*. Encontramos uma correspondência entre as palavras de Magalhães e as de Goethe, autor fundamental quanto à sua poética e religiosidade, senão vejamos: “Tudo, tudo repleto de milhares de formas; e os homens, depois, protegendo-se juntos em arremedos de casas e, em pensamento, reinando sobre o vasto Universo! Pobre louco, que consideras tudo tão insignificante, sendo tu tão ínfimo. – Da montanha inacessível, por sobre o deserto que nenhum pé trilhou, até os confins do oceano desconhecido sopra o espírito do eterno Criador que se regozija por cada grão de pó que sente a sua presença e que vive. – Ah! Naquele tempo, quantas vezes ansiei transportar-me para as praias do imenso oceano nas asas do grou que passava voando lá no alto naquela direção, beber da taça borbulhante do infinito as volúpias da vida que dilatam do coração e sentir um só instante, na veemência represada do meu peito, uma gota da bem-aventurança desse ser que tudo gera em si e por si”. GOETHE, Johann Wolfgang von. O sentimento da natureza. In: GOMES, Álvaro Cardoso e VECHI, Carlos Alberto (orgs.). *A estética romântica*. São Paulo: Atlas, 1992, p. 42.

Magalhães descreve um céu, terra e mar que se movem impulsionados por uma lógica incompreensível ao homem. A natureza aparece como uma “voz terrível”, que vem lembrar ao leitor a sua condição finita. A natureza aparece de forma violenta e ininteligível em suas poesias, estrutura que destrói civilizações inteiras, deixando ruínas. E, por outro lado, pequena é a ciência humana, anota o poeta, pois tudo se dá a partir de uma harmonia precisa, de uma lógica interna imperceptível e autônoma. O poeta passa a descrever um Deus perfeito – “onisciente” e “onipotente” – que quer ser ouvido e que fala por meio da natureza. Sua fala diz ao homem, insistentemente, que ele é finito, e que sua tarefa é a de assumir tal condição e colocar-se prostrado mediante a perfeição divina, para que, somente então, possa conquistar o sentido necessário à assunção da serenidade e da alegria, à conquista do próprio ânimo necessário à insistência na vida em nome da “pátria”.

*De tal grandeza sotoposto ao peso,/ Como se o esmagasse ingente mole,/ O homem se aniquila, e desaparece,/ Qual no profundo pego um grão de areia./ É aqui, ó meu Deus, calcando nuvens,/ Parecendo tocar o céu co'a fronte,/ Que eu reconheço a imensidade tua./ Existe este Universo, existe o homem./ Porque de todo o Ser tu és a origem.*<sup>37</sup>

Somente pela via da experimentação dos infortúnios terríveis que seriam oferecidos pela vida, nesse caso através da natureza nos *Suspiros*, é que os homens e mulheres da “boa sociedade” assumiriam sua fragilidade de forma radical e se exporiam ao infinito, conquistando a verdadeira necessidade religiosa para a insistência em sua existência, nos assuntos concernentes à “pátria”, em especial. Essa nova religiosidade trata de assegurar uma vida menos árida, oferecendo o sentido suficiente à insistência modesta e alegre. “Sotoposto ao peso” que é a existência, “o homem se aniquila e desaparece”, o que significa dizer que a ilusão humana de autonomia, ou melhor, de independência e de poder, dá lugar à modéstia. Lançado no infinito pela compreensão de sua pobreza, o homem “reconhece a imensidade” divina, ou seja, a grandiosidade de um ente que é perfeito e supremo bem e que em tudo que acontece faz-se presente, “existe este Universo, existe o homem/ Porque de todo o Ser tu és a origem”.<sup>38</sup>

Remontando nosso caminho, percebemos que Magalhães, junto a seus companheiros, pretende construir, através de seus textos, um espaço no qual os homens e mulheres da “boa sociedade” pudessem sair de sua cotidianidade, de sua vida “egoísta” e “mediocre”, aparentemente segura, para experimentar a natureza, lugar privilegiado no qual o homem sentiria imediatamente (e compreenderia num segundo momento) sua fragilidade em relação à vida. Seus leitores experimentariam a dúvida e a perplexidade de estar contrapostos a forças que não só não conheciam como não podiam enfrentar e, assim, assegurariam a paciência e a resignação (modéstia) necessárias à insistência adequada na vida, e se decidiriam pela necessidade de pensar e agir em colaboração e, também, passariam a ser orientados pelos imperativos cristãos, especialmente a fé e o amor, sentimento que significa orientar-se a partir da medida da totalidade, a “pátria”.

E, tudo isso, sem que fosse necessário estimular a consciência dos homens e mulheres da “boa sociedade”, ao menos num primeiro momento. Sem que eles tivessem de se convencer por intermédio do exercício racional.



*Ó arrojado pensamento humano,/ Por mais que em teu socorro os astros chames,/ Por mais que sua luz o sol te empreste,/ Seu ouro a terra, o céu a imensidade,/ Os rios a corrente, os campos as flores,/ Suas asas o raio, os sons a lira,/ E a noite seu mistério, ao fim se tudo/ Invocado por ti, a ti se unisse,/ Não puderas ainda em teus transportes/ Os louvores tecer do Onipotente.*

*Asinha ala-me ao céu; na etérea plaga,/ Vendo o sol de mais perto, talvez possa,/ Com sua luz benéfica animado,/ Altíssimo entoar um hino excelso,/ Digno de Jeová, que eterno escuta/ Dos angélicos coros a harmonia./ Abre-te, ó céu azul, que a mortais olhos,/ A mansão do Senhor zeloso ocultas! Abre-te ó céu azul; deixa minha alma/ Saciar-se co'a luz da São santa.<sup>39</sup>*

O primeiro trecho nos revela, a um só tempo, a força e os limites da razão. O pensamento é “arrojado” e, em alguma instância, capaz de desvendar os mistérios que fundam a vida. Entretanto, toda reflexão acerca do que a vida seria não passaria de um pensamento incapaz de oferecer ao homem a possibilidade de experimentação da existência como finitude e, a partir dela, lançar o homem a Deus fazendo-o conquistar o sentido necessário à justificação de sua existência, à assunção da alegria e à insistência no que concerne à crítica ao Estado imperial em construção e à revolução moral da “boa sociedade”.

A poesia se constitui um âmbito privilegiado à experimentação radical da existência como “infortúnio”. Ela seria o campo de experimentação ideal no qual o homem poderia, mais do que falar sobre, sentir sua pequenez e conquistar, assim, a necessidade de “tecer louvores ao Onipotente”, de estabelecer uma relação fundamental com um ente perfeito que seria capaz de justificar a vida e seus sofrimentos seguidos, e de garantir uma paga justa a todos àqueles que se aventurassem (insistissem) em meio às agruras, incessantes, da existência, a partir dos sentidos da solidariedade e do amor, especialmente. Se, num primeiro momento, o poeta mostrou-se pessimista e desesperançado, evidenciando o caráter de inutilidade da vida, aqui, Magalhães se dedica com otimismo à moralização de seus leitores, dos homens e mulheres que compunham a “boa sociedade”, recorrendo a uma estratégia específica, a de compreender a literatura como âmbito ideal à impressão e à orientação moral a despeito da razão, método que ele também constituía a partir de Friedrich Schiller. A poesia lançaria o homem aos céus (“ala-o”) e o faria ver “o sol de mais perto”. Ela colocaria o homem em contato direto com a perfeição, fazendo-o experimentar um tanto dela que seja, e compreender, enfim, a necessidade de insistir em sua existência a partir dos imperativos da modéstia e do “amor”, o que também significa a favor da “pátria”.

Graças à poesia a “luz benéfica (do sol) anima” o homem, faz recobrar a alegria necessária para insistir em uma vida que seria árida, para dedicar-se à “pátria”. Através dela o “céu azul” se abriria e então o homem poderia provar da única medida capaz de curar suas mágoas e fazê-lo persistir. Os homens necessitariam “saciar-se co'a luz” divina, na literatura, para continuar existindo, para resistir à tentação da prostração, da apatia, ou mesmo da ação desesperada e “egoísta”. A poesia seria o lugar privilegiado à experimentação da finitude radical e à conquista da necessidade de Deus para que a vida se tornasse tanto possível quanto alegre.

Enfim, aqui, a poesia, segundo Magalhães, aparece como tendo a função precípua de oferecer aos homens e mulheres da “boa sociedade” a

<sup>39</sup> MAGALHÃES, Gonçalves de., *op. cit.*, p. 81 e 82.

possibilidade de experimentar sua finitude e, em seguida, de conquistar a necessidade de Deus e agir em nome da “pátria”, com modéstia e “amor”. O poeta, nesse momento otimista, cria ser possível fazer com que seus leitores experimentassem a finitude, a medida da eternidade e conquistassem, por meio dela, a alegria e a modéstia necessárias à insistência na vida, em especial à revolução moral de sua “pátria” e à formação da nação, ou seja, de um conjunto de homens e mulheres empenhados em agir a partir da medida da totalidade. E tudo isso sem descartar um profundo pessimismo e desesperança.



*Artigo recebido em outubro de 2012. Aprovado em março de 2013.*